A QUESTÃO AMBIENTAL E A IMAGEM FOTOGRÁFICA: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL À SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL.

Bianca Antonio Gomes

Fatima Elizabeti Marcomin

RESUMO

A constante degradação ambiental requer mecanismos ainda mais instigantes e inovadores para despertar o efeito sensibilizador necessário a um repensar a prática cotidiana. As abordagens em e para a Educação Ambiental exigem um repensar e a busca por novas maneiras, meios e dispositivos de tratar e estudar a questão ambiental. Nesse contexto o uso da imagem fotográfica vem ganhando espaço para tratar a temática em questão. O presente trabalho, recorte de uma dissertação de mestrado em Educação, objetivou compreender e interpretar a percepção dos alunos do Instituto Federal de Santa Catarina, a partir do contato com um grupo de imagens relacionadas à problemática ambiental, à luz do efeito sensibilizador das mesmas. A pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, utilizou a entrevista e o diário de campo como instrumentos de busca de informações. As entrevistas foram interpretadas à luz da fenomenologia da percepção Merleau-Pontyana, partindo de uma adaptação do método fenomenológico de Giorgi, adaptando-se as "unidades de significado" para o que chamamos, neste estudo, de "temas de significação". Foi observado que as imagens fotográficas exerceram efeito sensibilizador sobre os atores da pesquisa e que apresentam potencial para tal finalidade.

Palavras-chave: Fotografia. Educação Ambiental. Sensibilização. Percepção.

1 INTRODUZINDO A TEMÁTICA

A imagem é uma das principais formas de comunicação dos seres humanos, a chamada linguagem visual (PETERMANN, 2006). O surgimento de novos recursos tecnológicos, aliado ao fato de vivermos em um universo comunicativo e fazermos uso da linguagem visual em nossa comunicação, também tem aumentado muito as oportunidades de convívio e troca de informações entre as pessoas. Entretanto, são poucas as pesquisas e epistemologias que consideram essa multiplicidade existente em nosso universo de comunicação (DIAS, 2010).

A imagem ao ser utilizada para realizar uma leitura de mundo em uma perspectiva interdisciplinar e de problematização, pode se tornar forte aliada da Educação, contribuindo

assim para a formação de pessoas atuantes na sociedade (MUSSOI, 2008). A fotografia é uma interpretação crítica da realidade (TRISTÃO; NOGUEIRA, 2011), por esse motivo, pode e deve ser também utilizada no processo de ensino-aprendizagem.

Para Jacobi (2011) vivemos uma situação de emergência, mais do que ecológica, uma crise ambiental. Por isso, "[...] a necessidade de promover práticas sociais para estimular o crescimento da consciência ambiental, expandido a possibilidade de a população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua corresponsabilidade [...]" (JACOBI, 2003, p. 192).

É importante que usemos a criatividade para encontrar outras maneiras, meios e dispositivos para ensinar. "Isto nos coloca o desafio de desenvolver práticas educativas que apontem para a conscientização, mudança de comportamento e atitudes, e participação dos educandos. Isto desafia a sociedade a elaborar novas epistemologias [...]" (JACOBI, 2011, p. 30). Esse outro modo de ensinar requereria uma abordagem verdadeiramente comprometida com a formação de sujeitos atuantes, críticos, éticos em suas relações sociais e ambientais.

O uso da fotografia na Educação vem demonstrando a abrangência desse campo de investigação e sua potencialidade (BORGES, ARANHA, SABINO, 2010; MUSSOI, 2008; DANTAS, MORAIS, 2007). Borges, Aranha e Sabino (2010) afirmam ainda que, apesar da grande importância e da possível contribuição que a fotografia pode oferecer, trabalhos com este tema ainda são escassos.

Acreditamos que a fotografia seja uma alternativa em potencial para a discussão da questão ambiental e que investigar acerca dessa possibilidade/potencialidade contribua para ampliar a discussão e reflexão acerca do tema, despertando o interesse de outros pesquisadores para um aprofundamento desta questão. Assim, o trabalho proposto objetiva compreender e interpretar a percepção de um grupo de alunos do Instituto Federal de Santa Catarina, por ocasião do contato com um banco de imagens relacionadas à questão ambiental à luz do efeito sensibilizador das mesmas.

2 O CAMINHAR PELO APORTE TEÓRICO

> A questão ecológica irrompe no cenário político, científico e educativo como um dos problemas mais importantes do final do século. A educação ambiental tem ocupado cada vez mais os espaços de reflexão e de atuação para compreender as mudanças globais de nosso tempo e para preparar novas mentalidades e habilidades, capazes de resolver os problemas ambientais, abrindo o caminho para um futuro sustentável, equitativo e democrático. (LEFF, 2003, p. 7).

O escritor francês Victor Hugo[1] sabiamente anunciou: “Primeiro foi necessário civilizar o homem em relação ao próprio homem. Agora é necessário civilizar o homem em relação à natureza e aos animais” (VITO, 2013, p. 291). E essa civilidade para a qual o escritor chama atenção começa com uma transformação de paradigmas, uma mudança na forma do ser humano pensar, viver e se relacionar com o meio ambiente.

A EA foi fundada em dois princípios básicos:

> 1) Uma nova ética que orienta os valores e comportamentos sociais para os objetivos de sustentabilidade ecológica e equidade social; 2) Uma nova concepção do mundo como um sistema complexo levando a uma reformulação do saber e a uma reconstituição do conhecimento. Neste sentido, a interdisciplinaridade se converteu num princípio metodológico privilegiado da educação ambiental (LEFF, 2001, p. 237).

No entanto, esses princípios estão sendo simplificados e banalizados; Leff (2001) e Luzzi (2003) alegam que essa simplificação/banalização está fazendo com que a EA se reduza, na maioria dos casos, a apenas um tema a mais entre os denominados emergentes da comunidade ou temas transversais, ficando então em pé de igualdade com temas como a educação no trânsito, a educação para a saúde ou a educação sexual. Com isso, resume-se a EA “[..] a ações de conscientização dos cidadãos e à inserção de ‘componentes’ de capacitação dentro de projetos de gestão ambiental orientados por critérios de rentabilidade econômica” (LEFF, 2001, p. 223), simplesmente desconhecendo a complexidade e os meandros das relações presentes entre os vários temas que compõem o ambiente em que as pessoas vivem.

A problemática ambiental, no entanto, é muito mais complexa e delicada, envolvendo diversos fatores e a EA deve ser profunda o suficiente para poder realmente educar as pessoas em relação ao ambiente, uma vez que envolve fatores como mudanças de paradigmas, atitudes, ideais, hábitos, conceitos, mudanças sobre os valores e a importância atribuídos a cada coisa. E uma EA simplista, que não leva em consideração toda essa complexidade, não consegue trazer uma nova compreensão do mundo ao sistema educacional formal (LEFF, 2001).

Guimarães (2004, p. 86) complementa essa ideia alertando que “[...] é preciso ainda, e, sobretudo, mobilização, isto é, pôr a ação em movimento; incorporar em nossa interioridade (razão e emoção) a questão ambiental no cotidiano de nossa ação (exterioridade) como prioridade”.

Barcelos (2005),sugere tratar, olhar, analisar e interpretar determinado problema

[1] Victor Hugo foi um dos maiores escritores franceses do século XIX, autor de obras célebres como *O Corcunda de Notre Dame* e *Os Miseráveis*. (PENSADOR, 2015).

ecológico como um texto, pois o mundo pode ser visto como um texto; dessa forma, podemos fazer do mundo várias leituras, interpretações e, portanto, construir/desconstruir outras tantas representações. Além disso, o mundo, como o texto, carrega "uma infinita dose de virtualidade. Traz, escondido em suas 'entrelinhas', vários outros mundos virtuais à espera de serem lidos, interpretados, representados. Serão tantos mundos e tantos textos quantos (as) forem seus leitores ou leitoras" (BARCELOS, 2005, p. 71, grifo do autor).

Acreditamos que algo similar se dê em relação à fotografia, uma vez que ela pode ser analisada, interpretada de diversas maneiras e pode despertar tantas emoções, lembranças, sentimentos, ideias quantos forem seu(s) expectador(es), pois, como explica Mauad (1996), entre o sujeito que olha a fotografia e a própria fotografia há muito mais do que os olhos podem ver. Ainda refletindo sobre as potencialidades da imagem, Guimarães (2013, p. 115, grifos do autor) destaca que "[...] a potência da imagem é o que permite '*ver o mundo de outra maneira'* – aceitando que não há '*um modo*' imediato direto, não mediado pelo simbólico, de acessar o cotidiano".

A EA está buscando e utilizando novas maneiras de sensibilizar as pessoas acerca dos inúmeros problemas que o meio ambiente vem enfrentando, e uma delas pode inserir o universo da fotografia, o qual pode ser uma nova e eficaz forma de abordagem. Neste estudo, adotamos a concepção de sensibilizar de Guimarães (2004), que em sua obra - *A formação de educadores ambientais* explicita que sensibilizar não é apenas compreender racionalmente, mas sensibilizar envolve também o sentimento, o amar, o ter prazer em cuidar. É o sentido de doação, de integração, de pertencimento à natureza.

Boris Kossoy (2001, p. 28) observa que a fotografia é "[...] um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. [...] Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento [..]".

Para Merleau-Ponty (2004, p. 23) "as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis [...]". Esses dois pensamentos se complementam e retomam a ideia de Boris Kossoy e também de Roland Barthes (1984) de que a fotografia evoca, emociona, traz à tona, depende de cada sujeito que a olha e das experiências vividas por ele. E vai evocar em cada pessoa coisas diferentes referentes ao particular de cada um.

Ainda abordando a percepção particular de cada sujeito, Merleau-Ponty (2004) relata que a teoria da percepção baseia-se na experiência do sujeito, aquele sujeito que olha,

sente e reconhece o espaço como expressivo e simbólico, chamando ainda de mundo da percepção aquele mundo que é revelado às pessoas através de seus sentidos e pela experiência de vida de cada um. (MERLEAU-PONTY, 2004). Podemos fazer esse paralelo com a fotografia, ou seja, cada experiência perceptiva do indivíduo com a fotografia é única e complexa. Infinitas possibilidades de interpretações, sentimentos, emoções e lembranças podem surgir para cada ser humano que olha a fotografia, pois cada pessoa possui uma história diferente e experimentou coisas diferentes.

Essas potencialidades das imagens podem ter grande valia quando utilizadas em prol da EA, pois elas possuem forte influência na prática diária dos indivíduos. Logicamente, isso não é algo assim tão simples, mas acredito que a persistência em ações envolvendo dispositivos fotográficos poderá auxiliar nos problemas de sensibilização ambiental.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho fenomenológico.

A Fenomenologia é reconhecida como uma das mais notáveis manifestações filosóficas do século XIX, e tem exercido considerável influência no pensamento filosófico e científico contemporâneo (GONÇALVES et al., 2008). O termo Fenomenologia significa "ciência dos fenômenos", ela é o "[...] estudo sistemático de tudo o que se apresenta à consciência, exatamente como isso se apresenta; [...] o que inclui uma correlação entre os atos da consciência e seu objeto (compreendido em sua extensão a mais geral possível) [...]" (GIORGI, 2012, p. 386-387).

Logo, o fenômeno é aquilo mesmo que é dado, exatamente como ele é dado ou sentido, então a Fenomenologia analisa "as intuições ou presenças, não em seu sentido objetivo, mas precisamente sob o ângulo do sentido que esses fenômenos têm para os sujeitos que os vivem" (GIORGI, 2012, p. 389).

O objetivo dos investigadores que utilizam a abordagem fenomenológica é tentar compreender o significado dos acontecimentos e as interações para as pessoas em determinadas situações, uma vez que os fenomenólogos não sabem o que diferentes coisas significam para as pessoas que serão estudadas (BOGDAN; BIKLEN, 1994). O método fenomenológico evidencia fenômenos subjetivos uma vez que acredita que as verdades essenciais sobre a realidade são baseadas na experiência. É importante a experiência tal como ela é, como ela se apresenta, e não o que podemos pensar, ler ou dizer acerca dela

(MOREIRA, 2004).

Para o presente estudo utilizamos como instrumento de busca de informações a filmagem e a entrevista com os sujeitos/atores desta pesquisa - alunos do 3º semestre do curso técnico integrado em comunicação visual do Campus Palhoça-Bilíngue do IFSC. A participação dos alunos na pesquisa foi voluntária e uma vez que a maioria dos sujeitos era menor de idade, foi solicitada aos pais a autorização para a participação dos alunos através do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os alunos preencheram também o Termo de assentimento do menor e o Termo de consentimento de fotografia, vídeo e gravações. A investigação acerca do problema de pesquisa deu-se a partir da interpretação verbal e não verbal, à luz da fenomenologia, das opiniões e impressões dos alunos após observarem as imagens fotográficas exibidas a eles. Para que pudéssemos obter uma abordagem metodológica o mais imparcial possível em relação às imagens, fez-se necessário definir critérios para uso das fotografias utilizadas neste estudo: **1) Primeiro conjunto de critérios – aquilo que é retratado:** o primeiro conjunto, e central desta pesquisa, diz respeito ao que a fotografia mostrava/retratava. Selecionei fotografias que retratavam o ambiente natural, equilibrado, e com a presença humana, mas de forma que esta não dominasse a natureza e sim coexistisse em harmonia com ela; e fotografias que ilustravam as consequências ruins que a dominação do homem e sua drástica interferência na natureza produzem, como destruição e degradação do ambiente, extermínio da fauna e flora, crueldade com a natureza, entre outras.

2) Segundo conjunto de critérios – características técnicas: este segundo conjunto refere-se aos aspectos técnicos que todas as fotografias escolhidas para esta pesquisa deveriam possuir: a) serem coloridas; b) não terem sofrido interferência de programas de edição de imagens; c) terem o mesmo grau de qualidade; d) terem resolução suficiente para impressão, de forma que a imagem impressa não comprometesse a fotografia em si; e) serem de uma mesma fonte, de forma a preservar o padrão de qualidade e complexidade da fotografia[2]; f) terem o mesmo tamanho; g) serem apresentadas aos alunos com os mesmos padrões de visibilidade, acessibilidade, temporalidade, luminosidade e distância.

Foi feito um banco de imagens digital com diversas fotografias da *National Geographic*, e este banco foi dividido em dois grupos: – a) composto pelas fotografias que mostravam o ambiente natural, equilibrado, e com a presença humana, coexistindo em

[2] Escolhemos imagens do *site* da revista *National Geographic* para compor o banco de imagens porque essa revista possui uma longa tradição de excelência em fotografia, inclusive seus fotógrafos prezam pela qualidade e excelência das imagens. Ver mais em <http://omicronfotografia.com.br/blog/?p=5744>.

harmonia com ela, e b) composto pelas fotografias que retratavam as consequências ruins que a dominação do homem e sua drástica interferência na natureza produzem. Foram sorteadas, do banco de imagens, cinco fotografias do grupo A e cinco do grupo B, de um total de 80 imagens (40 do grupo A e 40 do grupo B) presentes no banco de imagens. As figuras 1, 2, 3, 4 e 5 mostram as fotografias sorteadas do grupo A e as figuras 6, 7, 8, 9 e 10 apresentam as sorteadas do grupo B. Essas dez fotografias selecionadas foram exibidas aos alunos, de modo aleatório, em uma mesma sala.

Neste estudo as impressões dos alunos e suas opiniões a respeito das fotografias exibidas foram o ponto-chave para a compreensão da percepção que os alunos manifestaram em relação às fotografias, o que contribuiu sobremaneira para alcançar o objetivo deste trabalho.

Embora oito alunos tenham confirmado presença, apenas três realmente apareceram para participar da dinâmica, mas mesmo assim, as entrevistas se mostraram muito interessantes, conseguimos reunir informações densas, completas e detalhadas nos questionamentos para cada sujeito, possibilitando, dessa forma, um estudo mais detalhado, profundo e rico a partir da percepção de três alunas, imersas e comprometidas totalmente com as atividades realizadas. As entrevistas foram transcritas e interpretadas à luz da Fenomenologia da percepção Merleau-Pontyana, partindo de uma adaptação do método fenomenológico de Giorgi (1985). Nesse sentido, foram adaptadas as “unidades de significado” de Giorgi (1985) para os “temas de significação”.

Figura 1 – Fotografia de Jonathan Chua Kiat

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 2 – Fotografia de Per-Andre Hoffmann

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 3 – Fotografia de Dvornik Gábor

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 4 – Fotografia de Justin Jin

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 5 – Fotografia de Peter Carsten

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 6 – Fotografia de Joel Sartore

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 7 – Fotografia de Matthew Slaby

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

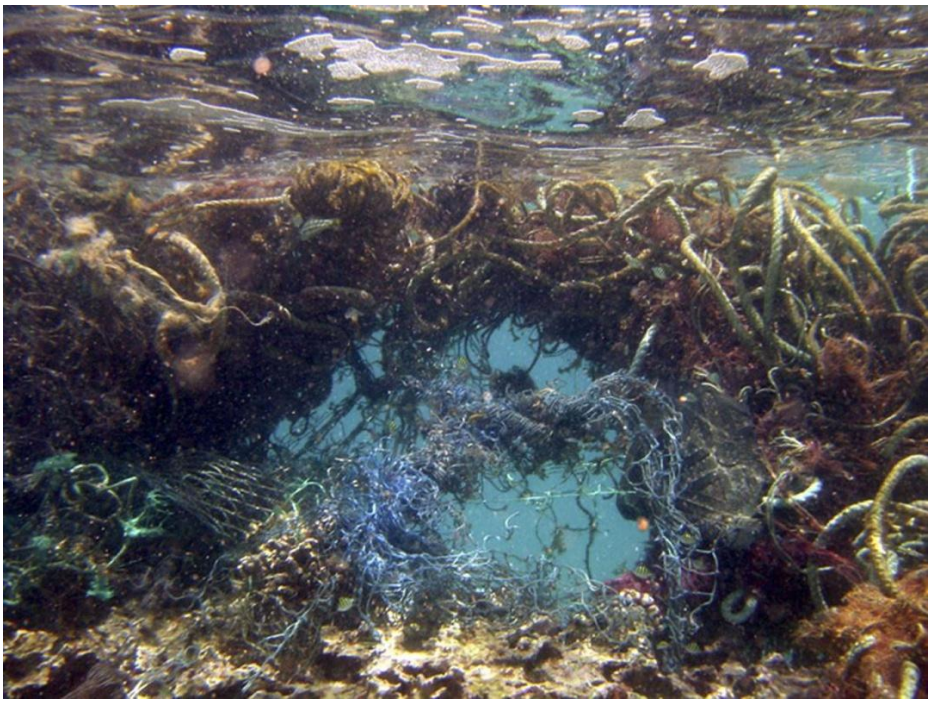
Figura 8 – Fotografia de Brent Stirton

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 9 – Fotografia de Lisa Wiltse

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

Figura 10 – Fotografia de Ray Boland



Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015.

4 O ENCONTRADO...E O QUE EMERGIU

As fichas de observação estiveram presentes nas duas etapas em que as alunas participaram da pesquisa – na observação das fotografias e na entrevista. Por se tratar de uma pesquisa de cunho fenomenológico, a observação e sua descrição se tornam importantes à compreensão do fenômeno. A ficha estava dividida em duas partes, uma para cada uma das etapas. Na etapa da observação das fotografias, à medida que observávamos as alunas, íamos preenchendo e registrando os aspectos observados. Na segunda etapa enquanto uma de nós registrava as observações a outra realizava as entrevistas; nas duas etapas as participantes foram filmadas. Abaixo apresento a transcrição das fichas de observação das três alunas cujas identidades foram preservadas a partir dos codinomes Lírio, Violeta e Orquídea.

I) **Lírio** – Demorou aproximadamente 1 minuto e 30 segundos olhando as imagens. Seu estado aparente era de calma, tranquilidade, certa timidez e indiferença, e sua expressão facial não mudou. Ela começou a olhar as fotografias da direita iniciando pela figura 5, na qual permaneceu um tempo maior de observação. Passou rápido pela foto do lixo (fig. 10); demorou na das rãs (fig. 6) e se deteve mais ainda na foto dos elefantes (fig. 8). Durante a entrevista, ela se manteve sentada com as mãos cruzadas; falava sem gesticular e fez poucos movimentos. Ela beliscava as cutículas e o dedo estava cortado; olhava para o entrevistador e

às vezes para o chão quando não tinha certeza da resposta ou aparentava não saber o que dizer. Ela demonstrou tranquilidade e um pouco de acanhamento ao responder às perguntas, no entanto falava de modo claro, sereno e seguro. Não soube definir o termo sensibilizar, mas no restante da entrevista demonstrou segurança e tranquilidade. Apresentou argumentos claros, contextualizou várias respostas e foi muito expressiva nas colocações e afirmações.

II) **Violeta** – Demorou aproximadamente 4 minutos e 30 segundos olhando as fotografias. Durante a observação, permaneceu com as mãos nos bolsos da blusa e seu estado aparente era calmo; sua expressão facial apresentou mudanças sutis de sorriso e contração da boca. Ela iniciou a observação pelas fotos da esquerda, começando pelas fotos da árvore amarela (fig. 1) e do fogo (fig. 7). Em todas as fotos ela demorou um tempo considerável observando. Contudo, ela passou mais tempo observando a segunda coluna de fotos - a que tinha a foto de uma casa no meio das árvores (fig. 3) e dos elefantes (fig. 8) - e a terceira coluna de fotos, nessa coluna ela demorou muito mais observando a foto das rãs (fig. 6). Na quarta coluna, ela chegou mais perto e observou com mais cuidado a foto das pessoas na mina de carvão (fig. 9); e na quinta e sexta colunas ela olhou bem a foto do lixo (fig. 10) e a da caverna (fig. 5). Posteriormente, olhou todas as fotos novamente e parou na frente da foto do elefante e da casa. Ela demorou bastante olhando as fotografias, o que me pareceu que ela olhou com muito cuidado e atenção as imagens tentando entendê-las e absorver seu conteúdo.

Durante a entrevista, Violeta permaneceu sentada, falava e gesticulava bastante, sua fala apresentava veemência, olhava para o entrevistador e para o espaço em volta, e demonstrava tranquilidade. Ela era muito expressiva, tinha segurança ao falar e calma; assinalou aspectos importantes, contextualizou as respostas e demonstrou ideias claras e rapidez nas respostas. Ela demorou e pensou um pouco mais para responder à seguinte questão da entrevista: que aspectos/elementos da fotografia considera mais relevantes para sensibilizar as pessoas sobre a problemática ambiental?

III) **Orquídea** – Demorou aproximadamente 1 minuto e 40 segundos olhando as imagens e permaneceu com as mãos à frente do corpo, uma sobre a outra. Sua expressão ao olhar as fotos era aparentemente calma, indiferente e não emitiu nenhuma mudança de expressão ou opinião ao observá-las. Ela começou a olhar as fotos da esquerda, iniciando pelas fotos da árvore amarela e do fogo (figs. 1 e 7, respectivamente). Ela se deteve pouco tempo nas fotografias; passou por todas as colunas, chegou à última e voltou olhando um pouco mais todas as fotos.

Durante a entrevista, Orquídea permaneceu sentada com as pernas e mãos cruzadas, sua fala apresentava desenvoltura e tranquilidade. Ela falava e gesticulava pouco, mas falava com

segurança. Demonstrou tranquilidade durante a entrevista e olhava para a pesquisadora, para o céu e para o espaço em volta. Ela era muito expressiva e tinha segurança e calma ao falar, contextualizou as respostas e falou sobre sua preferência em usar as fotos para a feira de Ciências.

Com base nas fichas de observação, percebemos tranquilidade e calma, por parte das três alunas, durante a observação das fotografias; todas as alunas pareceram analisar as imagens cuidadosamente. Estabelecendo um paralelo com as entrevistas, o tempo que a maioria das alunas demorou na etapa da observação das imagens foi proporcional à quantidade de imagens mencionadas nas entrevistas. Lírio foi a mais rápida na etapa da observação e citou na entrevista as fotografias das rãs, dos elefantes e da árvore amarela (figs. 6, 8 e 1 respectivamente). Orquídea levou um pouco mais de tempo observando as fotos e mencionou quatro fotos na entrevista – a foto das rãs, a da poluição da água, da menina na mina de carvão e a da árvore amarela (figs. 6, 10, 9 e 1 respectivamente). Violeta demorou muito mais tempo que as outras duas alunas, mais que o dobro, mencionou cinco fotos na entrevista – a do elefante, a das rãs, a da caverna, a da queimada e a foto da mina de carvão (figs. 8, 6, 5, 7 e 9 respectivamente).

Com relação as entrevistas, trazemos aqui um recorte de tudo o que foi observado e estudado. A figura 11 mostra as perguntas feitas para os sujeitos sobre o tema de significação "Fotografia como elemento sensibilizador", cuja análise das respostas reuniram subsídios para alcançar o objetivo da pesquisa. Após a imagem apresentamos a interpretação das respostas das alunas às perguntas.

Figura 11 – Perguntas feitas sobre o tema Fotografia como elemento sensibilizador

Fotografia como elemento sensibilizador	1 Você considera que a fotografia sensibiliza as pessoas de alguma forma? Em caso afirmativo, como?
	2 Que aspectos/elementos da fotografia considera mais relevantes para sensibilizar as pessoas sobre a problemática ambiental?
	3 Você considera que as fotografias apresentadas sensibilizaram-na acerca de alguma questão ambiental? Em caso afirmativo, qual e de que forma?
	4 Você acredita que essas fotografias poderiam ser empregadas para projetos de sensibilização para a questão ambiental? Explique.
	5 Você considera que as fotografias poderiam ter sido empregadas de outra forma?

Fonte: As autoras.

Todas as entrevistadas foram unânimes em dizer que a fotografia sensibiliza sim as pessoas, porém cada uma tem uma opinião diferente sobre como isso acontece. Lírio acredita que a fotografia, através da imagem retratada, pode ser um incentivo para as pessoas se preocuparem e cuidarem mais da natureza: *"Tipo [sic], tu pode [sic] tirar a foto de uma natureza e a pessoa vai falar: 'Nossa! Que legal! Onde foi isso? Como foi? Eu também quero.' Porque motiva as pessoas a quererem fotografar, a aprender e a incentivar também a cuidar mais da natureza para poder falar, ajudar [...]"* Violeta pensa a fotografia como um instrumento disseminador de ideias, algo que pode mostrar coisas que não estão, muitas vezes, ao alcance das pessoas e uma ferramenta capaz de abrir horizontes. Nos dizeres de Violeta: *"Acho que fazendo a pessoa perceber que [pequena pausa] o mundo dela não é só [...] o seu arredor ali, tem muito [...] coisa mais, tem muito mais assim e tem outras coisas, [...] acontecendo que de repente tinha que prestar mais atenção e fazer de tudo possível [sic] para mudar."* Essa potencialidade da fotografia presente na fala de Violeta foi apontada por Tristão e Nogueira (2011, p. 108):

> [...] o cotidiano passa despercebido, porque não nos interessa ver ou realmente não vemos o que existe para além da simples aparência ou, ainda, porque não queremos acreditar e ver a própria realidade. A fotografia pode nos permitir ver o que está diante de nossos olhos, pode revelar o real que não enxergamos [...]

Orquídea acredita que a fotografia mostra a realidade, o que está acontecendo e que muitas vezes as pessoas não veem; e a visualidade da fotografia, a imagem que retrata algo, de acordo com ela, possui uma capacidade maior de sensibilizar as pessoas: *"Sensibiliza porque ela mostra a realidade, o que que tá [sic] acontecendo. Daí quando tu vê [sic] uma fotografia de um desmatamento, tu vê [sic] o que que tá [sic] acontecendo é diferente de, tipo [sic], uma pessoa te dizer: 'Ah! Aconteceu isso em tal lugar.' Tu vai [sic] imaginar mas não vai [sic] saber ao certo como [...] o que aconteceu. Agora com a fotografia tu já vê [sic] a realidade." (Orquídea).* Isso vai ao encontro do que Tristão e Nogueira (2011, p. 108) pensam sobre as potencialidades da fotografia: "A fotografia proporciona um exercício crítico contínuo: uma revelação sem fim da realidade visível, da sociedade, da cultura, da natureza e do meio ambiente." Merleau-Ponty (2004) salienta que o mundo da percepção revela-se através dos sentidos e da experiência de cada um. Nas palavras de Orquídea percebemos que a imagem fotográfica poderia ser uma forma de o sujeito ver e experimentar realidades que ele não, necessariamente, viveu, mas que a fotografia, com sua capacidade visual, traz à tona e mostra a ele.

Acerca de quais aspectos ou elementos da fotografia são mais relevantes para

sensibilizar a pessoa sobre a problemática ambiental, as alunas tiveram duas opiniões diferentes, mas que convergiram entre si. Violeta acredita que o mais importante é a forma como vão ser feitas a fotografias e como serão expostas, ela considera que quanto menos editada em programas gráficos for a fotografia melhor será para sensibilizar: *"Eu acho que muito importante [...] eu acho que mais importante é a exposição - da forma que vai se expor essa [...] as fotos e de como vai ser [...] eu acho que assim: fotografia, ela [sic] tem uma técnica, mas se você deixar o mais natural possível, sem pôr efeitos, e nada assim, deixar o mais natural principalmente nessa parte de meio ambiente, ela vai te transmitir do jeito que você vai expor ela [sic] – o tamanho, a forma, eu acho que vai ajudar bastante outras pessoas perceberem."* No entanto, essa questão da manipulação da imagem é muito complexa e controversa, porque mesmo que a imagem não seja modificada posteriormente à sua captura, lembra Joly (1996), o momento da captura da imagem pelo fotógrafo já é um momento de manipulação uma vez que são necessárias várias escolhas e manipulações para se realizar a foto, como a escolha do tema, do tipo de filme fotossensível, do tempo de exposição, da abertura do diafragma, do foco, etc. E, para a autora, todas essas escolhas acabam construindo a fotografia. Já Orquídea e Lírio, acreditam que o mais importante para sensibilizar é o que a fotografia retrata. Ainda percebemos na resposta de Lírio a essa pergunta (*"Mostrando fotos de animais mortos ou mostrando gente passando necessidade, mostrando a realidade que tem hoje em dia através da foto"*) que para ela as imagens mais chocantes, que mostram as consequências ruins decorrentes da ação humana sobre os ambientes, prejudicando-os, destruindo-os, gerando perturbações negativas que comprometam a qualidade de vida e a vida dos seres e dos ambientes, são aquelas que mais sensibilizam ou mais chamam a atenção das pessoas para os problemas ambientais.

As fotografias conseguiram, de certa forma, sensibilizar as três alunas sobre algumas questões ambientais. Violeta foi sensibilizada para as questões relativas à fauna, em especial à matança indiscriminada de animais, citando, inclusive, nesta questão da entrevista, a fotografia que mostrava um elefante sendo morto para a retirada do marfim de suas presas (fig. 8). Lírio foi sensibilizada quanto à poluição do ar e do desmatamento de árvores, e Orquídea foi sensibilizada para as questões da poluição da água e para o desmatamento. Todas essas questões ambientais que as alunas citaram apareceram, de alguma maneira, nas fotografias expostas.

As três entrevistadas afirmaram que essas fotografias poderiam ser empregadas para projetos de sensibilização para a questão ambiental. Para Lírio, isso pode ser feito porque as fotografias *"[...] transmitem bastante do que se passa no geral, no planeta."*; já Violeta e

Orquídea, foram um pouco além e deram exemplos de tipos de projetos em que essas imagens poderiam ser empregadas. Violeta referiu que as fotografias poderiam ser utilizadas *"[...] principalmente na parte da conscientização [...]"* e que *"seria muito legal algumas delas [as fotografias] serem expostas, assim, em um ambiente mais público assim, sabe? [...] Numa parede onde passa muita gente, aí seriam bem legal [sic] [...] iria chamar bastante atenção, porque fotografia, ela [sic] transmite algo e as pessoas iam olhar bem assim [...]O que vão ver e o que vão achar, da foto e [...] ter sua própria opinião"*. E Orquídea acredita que a feira de Ciências poderia ser uma ótima oportunidade para exibir as fotos e trabalhar as questões ambientais: *"Do [...]na feira de Ciências, eu acho que deveria ter uma parte só sobre a questão ambiental."*

Violeta e Orquídea consideram que a exposição foi a melhor forma de empregar as fotografias, porém Lírio pensa que, além da exposição, as fotografias têm potencialidades maiores que apenas imagens a serem visualizadas e que poderiam ser empregadas. Para ela, *"[...] podia mostrar pros [sic] outros alunos ou pra [sic] quem fosse participar, mostrar aquilo através de brincadeiras e [pequena pausa] dança, música, ou teatro também, mostrar o que se passa. [...] com as pessoas".* Sua fala demonstra que a aluna pensa na fotografia como algo além de uma simples imagem ou reprodução do real. Kossoy (2007) também acredita que a fotografia é multifacetada com potencialidades para múltiplos usos e aplicações, como, por exemplo, documento histórico e social, elemento de fixação da memória, objeto de arte, fotografia como forma de expressão artística, cultural e ideológica, entre outros, além de seus diversos usos nas ciências exatas, biológicas e humanas e demais áreas do conhecimento; no comércio, indústria e turismo, entre outras.

5 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A fotografia é considerada uma arte popular, carrega consigo inúmeras potencialidades, e seu uso na Educação poderia ser de grande auxílio no processo de ensino-aprendizagem, na formação de cidadãos críticos e atuantes. Este trabalho perscruta, sob uma perspectiva fenomenológica, a potencialidade da fotografia na EA, que, por ser uma temática emergente, requer novas e múltiplas abordagens (BARCELOS, 2005). Este estudo possibilitou compreender alguns aspectos e particularidades da percepção de imagens relacionadas à questão ambiental por parte dos sujeitos desta pesquisa e das potencialidades da fotografia. Foi possível ainda observar as particularidades de conceitos como sensibilizar, EA e questões ambientais na interpretação dos alunos da escola estudada.

As fotografias conseguiram de algum modo despertar as alunas para algumas questões ambientais, observamos que as fotografias sensibilizaram os sujeitos sobre algumas questões como o desmatamento e a poluição do ar e da água, ou seja, a fotografia apresentou-se como um elemento sensibilizador. Contudo, reconhecemos que há um longo caminho a ser percorrido entre a fala e a ação; até o momento em que as alunas realmente coloquem em prática novas atitudes, já que isso é um processo. Porém, observamos que é possível despertar algum interesse/sensação ou alguma mudança e que a fotografia é capaz de influenciar essa transformação, tornando-se, assim, um potencial instrumento/veículo/mecanismo e uma alternativa viável em/para/na EA.

Quando os sujeitos dissertaram sobre como a fotografia sensibiliza as pessoas, o termo cuidado não foi mencionado, no entanto o cuidado tem densa relação com o sensibilizar (GUIMARÃES, 2004). Percebemos, também, que o aspecto que mais sensibilizou os sujeitos foi o que a imagem retratava, e que as imagens mais lembradas foram aquelas mais "chocantes", as consideradas ruins ou negativas, que mostravam as consequências da ação humana sobre os ambientes, prejudicando-os, destruindo-os, gerando perturbações negativas que comprometem a qualidade de vida e existência dos seres vivos, dos bens naturais e dos ambientes. Essas foram também as fotografias com maior capacidade de levantar questionamentos e incitar mudanças, e, por conseguinte, as imagens com maior poder sensibilizador.

Sabemos que as dificuldades na direção de promover a sensibilização ambiental são inúmeras. Assim como não podemos ser ingênuos e nem tão pouco catastrofistas, reconhecemos que a potencialidade da fotografia também depende do olhar, do pensar, do refletir sobre a intencionalidade imagética de cada foto, do que o fotógrafo intencionou ao capturá-la e de nossa capacidade e responsabilidade em promover as reflexões que tais imagens suscitam e para além destas. No entanto, continuamos persistindo e abertos ao novo, a outros modos e caminhos de repensar a questão ambiental.

6 REFERÊNCIAS

BARCELOS, V. Navegando e traçando Mapas – uma contribuição à pesquisa em Educação Ambiental. In: GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. (Org.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 63-84.

BARTHES, R. **A câmara clara**: Notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto, 1994. (Coleção Ciências da Educação).

BORGES, M. D.; ARANHA, J. M.; SABINO, José. A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 16, n. 1, p. 149-161, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo. php?pid=S1516-73132010000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2014.

DANTAS, E. M.; MORAIS, I. R. D. O ensino de geografia e a imagem: Universo de possibilidades. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, IX, 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm>. Acesso em: 04 jun. 2014.

DIAS, A. A. C. Educação hipertextual: por uma abordagem dialógica e polifônica na leitura de imagens. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologia da Pesquisa qualitativa em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 197-208.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 386-409.

_____. **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GONÇALVES, R. R. et al. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ano 8, n. 2, p. 402-435, 1° semestre de 2008. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a19.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

GUIMARÃES, L. B. A sala de aula em cena: imagem e narrativas. **Leitura**: Teoria & Prática, Campinas, SP, v. 31, n. 61, p. 113-123, nov. 2013.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental, sociedade de risco e o desafio de inovar para modificar práticas sociais. In: SATO, M. (Org.). **Eco-ar-te para o reencantamento do mundo**. São Paulo: Rima Editora, FAPEMAT, 2011. p. 28-34. 360 p.

_____. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia:** o Efêmero e o Perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. (Coord.). **A complexidade Ambiental.** Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

LUZZI, D. A “ambientalização” da educação formal. Um diálogo aberto na complexidade do campo educativo. In: LEFF, Enrique (Coord.). **A complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 178-216.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n 2, 1996. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/20486128/1422449897/name/Fotografia.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MUSSOI, A. B. **A fotografia como recurso didático no ensino de geografia**. Guarapuava, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/>. Acesso em: 12 fevereiro 2015.

PENSADOR. **Biografia de Victor Hugo**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/victor_hugo/biografia/>. Acesso em: 08 jan. 2015.

PETERMANN, J. Imagens na publicidade: significações e persuasão. **UNIrevista**, São Paulo, v. 1, n.3, 2006. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/imagens_na_publicidade_siginificacoes_e_persUasao.pdf >. Acesso em: 02 jul. 2014

TRISTÃO, M.; NOGUEIRA, V. Educação ambiental e suas relações com o universo da fotografia. In: SATO, M. (Org.) **Eco-Ar-TE para o reencantamento do mundo**. São Carlos: RiMA/ FAPEMAT, 2011. p. 108-115.

VITO, M. **Os Deuses não eram Astronautas**. São Paulo: Santarém, 2013.